



A divulgação científica dos estudos gramaticais de línguas indígenas e sua contribuição para a consciência metalinguística/

The scientific dissemination of grammatical studies of Indigenous languages and their contribution to metalinguistic awareness

Vitor Hochsprung*

Doutorando em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina, campus de Florianópolis-SC, Brasil (UFSC/CNPq). Possui mestrado em Linguística e pesquisa a Divulgação e Popularização da Teoria e Análise Linguística.

 <https://orcid.org/0000-0002-3772-266X>

Luciana Sanchez Mendes**

Docente na Universidade Federal Fluminense, campus de Niterói-RJ, Brasil (UFF/CNPq/FAPERJ). Possui doutorado em Linguística e atua nas áreas de Semântica Formal e Descrição de línguas sub-representadas.

 <https://orcid.org/0000-0002-5459-6968>

Recebido em: 20 jan. 2025. **Aprovado em:** 22 abr. 2025.

Como citar este artigo:

HOCHSPRUNG, Vitor; MENDES, Luciana Sanchez. A divulgação científica dos estudos gramaticais de línguas indígenas e sua contribuição para a consciência metalinguística. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 14, n. 2, e-6256, jun. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.15708006

RESUMO

O objetivo central deste artigo é defender que a divulgação científica de estudos gramaticais de línguas indígenas pode favorecer o desenvolvimento da consciência metalinguística dos falantes de português em sua língua materna. Dessa forma, este texto tem caráter propositivo, ou seja, a partir da nossa reflexão, estabelecemos sugestões para uma agenda de pesquisas teóricas e ações práticas voltadas à popularização dos estudos gramaticais. A condução do artigo obedece ao seguinte percurso: inicialmente, falaremos sobre a divulgação científica da Linguística em cenário brasileiro. Em seguida, tratamos de aspectos da fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, tendo como base dados de quatro línguas indígenas: Makuxi (Karib), Kaingang (Macro-Jê), Ticuna (isolada) e Karitiana (Tupi). Concluída essa etapa, passamos a demonstração de como promover a popularização. Na tentativa de instigar a reflexão sobre os usos linguísticos, propomos duas estratégias de divulgação: uma atividade a ser realizada em sala

*

 hochsvitor@gmail.com

**

 sanchez_mendes@id.uff.br



de aula e uma postagem de popularização da linguística em redes sociais. Por meio da combinação dessas etapas, propomos que façamos, enquanto linguistas, a inserção do objetivo voltado para o desenvolvimento de consciência metalinguística nas estratégias de divulgação científica da nossa área. Assim, defendemos que um trabalho como este, que visa disseminar estudos gramaticais de línguas indígenas para o desenvolvimento da consciência metalinguística de falantes do português em sua língua materna, pode contribuir para a alfabetização científica da população, para o contexto educacional, sobretudo na relação com a escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Divulgação científica; Línguas indígenas; Estudos gramaticais; Alfabetização científica; Consciência metalinguística.

ABSTRACT

The central goal of this paper is to argue that the scientific dissemination of grammatical studies on Indigenous languages can promote the development of metalinguistic awareness among Portuguese speakers in their native language. In this sense, the text is propositional in nature; that is, based on our reflection, we establish suggestions for a research agenda and practical actions aimed at the popularization of grammatical studies. The article follows the following structure: initially, we address the scientific dissemination of Linguistics in the Brazilian context. Next, we discuss aspects of phonology, morphology, syntax, and semantics, based on data from four Indigenous languages: Makuxi (Karib), Kaingang (Macro-Jê), Ticuna (isolate), and Karitiana (Tupi). Once this stage is completed, we move on to demonstrate how to promote popularization. To stimulate reflection on language, we propose two dissemination strategies: one activity to be carried out in the classroom and one social media post aimed at popularizing linguistics. Through the combination of these stages, we propose that, as linguists, we incorporate the goal of developing metalinguistic awareness into our field's science communication strategies. Thus, we argue that a study such as this, which aims to disseminate grammatical studies on Indigenous languages to develop the metalinguistic awareness of Portuguese speakers in their native language, can contribute to the population's scientific literacy and to the educational context, especially in relation to writing.

KEYWORDS: Scientific dissemination; Indigenous languages; Grammatical studies; Scientific literacy; Metalinguistic awareness.

1 Introdução

O objetivo central deste artigo¹ é propor que a divulgação científica de estudos gramaticais de línguas indígenas é uma das formas que podem contribuir para o desenvolvimento da consciência metalinguística dos falantes de português em sua língua materna. Para isso, exploramos os temas sobre a conscientização sobre diversidade linguística presente no Brasil, as condições de ameaça de extinção e preservação das línguas; e, principalmente, a pesquisa linguística realizada em diversas instituições científicas do país. É válido mencionar, logo ao iniciarmos nossa discussão, que escrevemos este texto pensando em seu caráter propositivo, ou seja, não apresentaremos resultados decorrentes de um experimento ou estudo elaborado a partir de uma pesquisa. Como supracitado, nossa intenção é centrada em uma proposta de reflexão.

¹ Agradecemos aos pareceristas anônimos pelos comentários ao nosso manuscrito que ajudaram a melhorar a versão final do texto.

Partimos do pressuposto básico de que essa divulgação é fundamental para desconstruir estereótipos com relação às gramáticas línguas indígenas. Um exemplo clássico desse tipo de visão exótica das línguas, que, por extensão, acaba se transmitindo para os próprios povos falantes, é a lenda urbana de que a língua dos esquimós possuiria inúmeros vocábulos para se referir à neve, o que revelaria uma forma única de se conceber o mundo a sua volta.² Esse é um dado que foi, ao mesmo tempo, fomento para muita discussão sobre o debate entre a relação entre linguagem e pensamento, mas também um catalisador da ideia de que as distinções entre as línguas representaria uma máxima diferença entre os povos humanos.

Outra noção exótica e que é um tema *pop* do século XXI a respeito das línguas indígenas foi a controvérsia acerca da suposta falta de recursividade na língua Pirahã, falada por povos amazônicos. A polêmica, nesse caso, ficou centrada na discussão a respeito de como esse fato poderia ou não derrubar a hipótese bastante estabelecida na teoria linguística contemporânea de que a recursividade é uma propriedade universal das línguas humanas. Mais uma vez, os dados foram tratados pelo público não especializado de forma estereotipada, lançando o holofote para uma nova comunidade cuja língua seria diferente de tudo que já vimos.³

Neste artigo, não temos interesse em aprofundar essas duas ideias populares da linguística sobre dos idiomas falados por povos originários das Américas. Em contraponto, objetivamos destacar o que elas têm de semelhante com a nossa língua, e não o que elas têm de diferente, contribuindo assim para desconstruir a visão de que essas línguas seriam exóticas e cheias de propriedades quase incapturáveis para falantes de uma língua como o português. Ao mesmo tempo, entendemos que esse movimento é também uma contribuição para desmistificar muitos preconceitos direcionados aos grupos minoritários de falantes de línguas indígenas no nosso país.

Adicionalmente, argumentamos que apresentar fatos de línguas diferentes é uma estratégia que ultrapassa o esclarecimento da natureza linguística dessas línguas e pode ser

² Não vamos nos ater em discutir essa ideia, que já foi chamada de “determinismo linguístico” ou “hipótese de Sapir-Whorf” e hoje é conhecida como relativismo linguístico. Nossa ponto aqui não é argumentar contra essa ideia, mas destacar de que forma ela acaba divulgando para a sociedade uma visão estereotipada das comunidades falantes, o que incrementa o preconceito. Para uma discussão sobre o tema, remetemos o leitor para Martin (1986) e Pullum (1989).

³ A realidade é que toda a discussão sobre o Pirahã foi bastante ruim para a divulgação científica da linguística em geral, uma vez que apresentou a questão como o estereótipo máximo. Consideramos bastante perigosa a disseminação insistente da ideia de que existe uma comunidade que parece não possuir propriedades que consideramos única e universal da nossa espécie (ou eles não seriam humanos como nós?).



muito útil para fomentar a consciência metalinguística dos falantes de língua portuguesa como língua materna. As dificuldades principais que impedem um incremento nessa reflexão resultam de dois fatores. O primeiro, de caráter mais social, é bastante conhecido e vem do fato de as aulas de Língua Portuguesa serem entendidas apenas como mecanismos de apresentação de instrumentos classificatórios que se confundem com as regras de correção, o que cria um bloqueio entre falantes e sua própria língua, uma insegurança linguística.

O segundo, de caráter natural, advém do fato de a língua materna ser aquela que os falantes usam de forma espontânea em suas atividades linguísticas cotidianas, o que pode dificultar – mas não impedir – que ela seja tomada como objeto de reflexão e análise. Pensem, por exemplo, na fábula exposta por Durant (2005), em que um sapo pergunta a uma centopeia como ela caminha (qual parte vai antes e qual parte vai depois), e ela não consegue responder de tão perturbada que ficou com a pergunta, uma vez que o ato de caminhar é natural para ela. Não queremos dizer que a análise linguística do português perturbaria os falantes desta língua, mas que a espontaneidade, somada à falta de valorização que fenômenos gramaticais naturais da oralidade têm no espaço escolar, pode tornar esse processo ainda mais desafiador.

Essa contradição entre a língua materna como um objeto tão distante e artificial – se considerarmos o ensino de norma padrão – e ao mesmo tempo tão próximo e natural – considerando sua gramática internalizada – amplia o desafio de desenvolvimento da consciência dos falantes em sua própria língua materna. Para conduzir os falantes a um olhar reflexivo a respeito da língua em que estão imersos, e promover o desenvolvimento pleno da habilidade com a escrita, procuramos explorar esse fator natural de que os falantes estão imersos em suas línguas, redirecionando seu olhar depois de refletir sobre dados de línguas indígenas.

Para isso, vamos nos embasar no campo de conhecimento da divulgação científica (Bueno, 2010; Treulieb, 2020; Baronas, 2010; Hochsprung, 2023, entre outros), que entendemos ser uma grande aliada nesse processo. Com isso, vamos apresentar uma ilustração de um exercício e de *póstuma* postagem de Instagram que podem inaugurar uma agenda de trabalho com o tema.

Para tal, o texto está estruturado da seguinte forma: na seção 2, discutimos a divulgação científica da linguística apresentando um histórico do que temos feito até aqui e quais são as possibilidades para uma proposta de agenda de trabalho; na seção 3, apresentamos aspectos gramaticais de línguas indígenas que podem ser úteis para a compreensão da diversidade de possibilidades encontradas nos sistemas gramaticais; na seção 4; colocamos em foco a



consciência metalinguística detalhando sua importância para um empoderamento de falantes com menor insegurança linguística e maior domínio dos efeitos de sentido da língua escrita. Por fim, encaminhamos para as considerações finais.

2 A divulgação científica da linguística

Nesta seção, apresentamos um breve histórico da divulgação científica linguística no Brasil, salientando seus desafios, limites, mas sobretudo seus avanços nos últimos anos. O objetivo aqui é apresentar um breve panorama e contextualizar e embasar a proposta de divulgação que vamos defender. Há mais de duas décadas, Faraco (2003) apontou o alcance público como um dos desafios para a Linguística no século XXI:

[...] acho que nós deveríamos fazer um esforço no sentido de ganhar espaço público. Quer dizer, a impressão que se tem é que os estudos linguísticos não conseguiram ainda pular o muro da academia. Ainda são discussões muito presas ao universo acadêmico, ao interior da academia. Então, a população em geral desconhece os nossos temas e as nossas maneiras de encará-los. (Faraco, 2003, p. 70)

Baronas (2010) também já chamava a atenção para a necessidade de nós linguistas adotarmos a prática de divulgação científica nas nossas agendas de trabalho. De acordo com o autor, a visão espalhada na mídia acerca das línguas naturais contribui para o preconceito linguístico e tradicionalismos gramaticais que não são, nem de longe, defendidos pela comunidade científica.

Entretanto, o cenário tem apresentado tímidas mudanças. Sampaio (2017; 2018) ilustra alguns exemplos de como a linguística foi ganhando espaço nas mídias sociais nos últimos tempos, mas o autor aponta que, até o fim da última década, a divulgação era feita, em grande medida, por pessoas que não eram estudiosas da linguagem. Assumimos que ser estudioso de uma área não é um pré-requisito, mas a divulgação deve ser feita de maneira séria e responsável, apresentando fatos, conceitos e estudos que podem ser cientificamente embasados. Isso não exclui, no entanto, a necessidade apontada por Baronas (2010) de responsabilizar também linguistas para essa ação.

Desde 2020, a Associação Brasileira de Linguística (Abralin) tem organizado iniciativas para promover a discussão acerca da importância de popularizar a nossa área. Exemplos disso



são os eventos Abralin em Cena 16, que ocorreu em 2021 e teve a divulgação como tema central de discussão; a Revista Roseta, que publica textos para não especialistas; a criação da Comissão de Divulgação e Popularização da Linguística; entre outros. A Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll) também se mostra preocupada com essa temática em eventos e discussões que incentivam pesquisadores a democratizarem o acesso aos seus estudos. Por exemplo, houve, em 2024, a atividade “Popularização da Linguística: um debate urgente”, organizada pelo Grupo de Trabalho (GT) Descrição do Português da ANPOLL, em parceria com o GT Transferência de Conhecimento e Popularização da Linguística do PPG Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Este último GT aponta também para uma tentativa de institucionalização da divulgação científica e popularização da linguística no âmbito dos programas de pós-graduação em universidades brasileiras.

Em um paralelo entre o cenário brasileiro e o cenário português, contudo, Cristóvão *et al.* (2022) apresentam um dado interessante: por aqui, ao que parece, as iniciativas não institucionais têm tido maior destaque, ao contrário do que acontece na Europa. Durante a pandemia que enfrentamos a partir de 2020, por exemplo, muitos estudiosos fizeram da internet o seu espaço de trabalho e passaram a popularizar a linguística em páginas do Instagram, canais no Youtube, perfis no TikTok e outras mídias sociais. Hochsprung (2022; 2023a; 2023b), alinhado à discussão proposta por Treulieb (2020), aponta a internet como um espaço favorável à divulgação e popularização da linguística, uma vez que pode cumprir estratégias para furar a bolha acadêmica, apresentar os bastidores da vida de um pesquisador e promover interações científicas acerca de dados sobre os estudos (no nosso caso, estudos linguísticos). Tratando especificamente de estudos gramaticais, um exemplo é o relato de D’Almeida *et al.* (2024), que apresenta como estudos acerca de uma estrutura sintática comum em Manaus/AM (a duplicação do sujeito pronominal à direita, como em “Eu vi o João, eu”) foram divulgados e discutidos no Instagram. Portanto, um dos espaços que vamos explorar na nossa proposta de divulgação será o da internet, mais especificamente, o Instagram.

Assumimos que entender dos estudos linguísticos, todavia, não é a única habilidade a ser desenvolvida entre aqueles que querem popularizar a ciência da linguagem. O conhecimento científico é tão importante quanto ter um domínio de como essa popularização pode ser feita. Para compreender as diversas formas de disseminar ciência e situar as estratégias de divulgação como a que vamos propor, mobilizamos primeiramente o trabalho de Bueno (2010),



que identifica quatro divergências entre o que chama de comunicação científica e de divulgação científica. Enquanto esta é destinada a um público mais amplo, aquela se destina aos especialistas de uma determinada área. Não só o público é diferente, mas também as naturezas, os usos de linguagem e as intenções. A *comunicação* tende a ocorrer em espaços mais restritos à academia como periódicos, congressos e simpósios, enquanto a *divulgação* se faz presente em meios de comunicação mais massivos, como a televisão, a internet e revistas populares. Público-alvo e natureza determinam diferentes estratégias discursivas.

Um exemplo claro disso é o uso de jargões. Para a comunidade acadêmica, está nos moldes adequados fazer uso da metalinguagem sem dar muitas voltas explicativas, pois é presumida uma noção comum de terminologia entre os pares. Quando o discurso se volta a não especialistas, o uso de jargões gratuitos (do inglês, *jargon for free*, cf. Gawne; McCulloch, 2023) não é adequado, necessitando de explicações, exemplificações e/ou contextualizações que levem à compreensão mais ampla dos conceitos utilizados. Além disso, as duas práticas abarcam diferentes objetivos. A comunicação promove avanços científicos e compartilhamento de novas descobertas para a área, enquanto a divulgação se propõe a outras ações, como disseminação de informações, fomento à curiosidade e entretenimento.

É evidente, então, que a comunicação e a divulgação possuem diferentes objetivos. Se focarmos exclusivamente na divulgação, podemos pensar também que ela pode servir para muitos propósitos e tem muitas razões para ser praticada e valorizada. Baumgarten (2011) diz que mais importante do que pensar na maneira que divulgamos ciência, temos de pensar nas razões pelas quais o fazemos. Em linguística, podemos elencar vários objetivos, como já fez Lynne Murphy (2023), ao defender que essa prática pode evitar preconceitos e ideologias linguísticas prejudiciais; alcançar profissionais de outras áreas que podem se beneficiar com os estudos linguísticos; contribuir para o contexto educacional; e entreter e aumentar o conhecimento público sobre as línguas. Ainda, entendemos que a divulgação pode desmistificar mitos de linguagem; fomentar o interesse pelos cursos de Letras; apresentar a metodologia científica; e, como defendemos nesse artigo, baseando-nos em Pires de Oliveira e Quarezemin (2016) e De Conto et al. (2022), contribuir para a consciência metalinguística dos falantes (Franchi, 2006). Trataremos desse tema com mais profundidade na seção 4, em que enfocamos a questão da consciência metalinguística com nossos exemplos propostos de divulgação. Antes disso, apresentamos alguns estudos gramaticais de quatro línguas indígenas que consideramos ilustrativos para a proposta que defendemos.



3 O estudo gramatical de línguas indígenas

O objetivo desta seção é apresentar uma seleção criteriosa de fatos gramaticais de línguas indígenas faladas no território brasileiro que são exemplificações de temas linguísticos que julgamos importantes para discussão da reflexão metalinguística que queremos explorar em seguida. Ou seja, procuramos fenômenos que pudessem dialogar explicitamente com os aspectos do português. Adicionalmente, tomamos o cuidado de nos embasar, sempre que possível, em publicações de pesquisadores que são falantes das línguas em tela, com o intuito de promover o seu protagonismo. A seção está estruturada com base em Othero (2017), que, com o objetivo de desmistificar o mito de que as línguas indígenas sejam rudimentares, descreve, primeiramente, a situação da diversidade linguística no Brasil para, em seguida, apresentar exemplos de aspectos gramaticais das línguas indígenas nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico.

O primeiro mito que precisa ser desfeito a respeito das línguas indígenas é sua suposta uniformidade. Como lembra Othero (2017), não existe “a língua dos índios”. O fato de a figura do tupinambá sempre estar presentes nos livros de história e nas poucas menções aos povos indígenas, dentro e fora do contexto escolar, levou à falsa ideia de que existiria uma certa unidade étnica, social, cultural e linguística no Brasil. Rodrigues (1993) falava em 220 povos indígenas falantes de 180 línguas diferentes. Esse é um número bastante aceito atualmente, embora, como Moore (2011) destaca, um estudo mais detalhado dessas línguas a partir de um critério de inteligibilidade mútua poderia diminuir esse total para 150. O que ocorre é que, muitas vezes, os grupos salientam as suas diferenças linguísticas por conta de fatores sociais e políticos. Moore (2011) ilustra essa dificuldade, por exemplo, com o caso das línguas Zoró e Gavião faladas em Rondônia, que poderiam ser descritas como dialetos de uma mesma língua e não como línguas diferentes.

A pluralidade de critérios para definir se considerar duas variedades como dois dialetos de uma mesma língua ou como línguas diferentes pode ser frutífera para promover a consciência metalinguística dos falantes acerca de seu próprio dialeto e de que forma ele está encaixado na unidade linguística nacional. Geralmente, quando o tema da divulgação científica se concentra em variação linguística, os materiais ficam muito centrados na bandeira do combate ao



preconceito linguístico, o que é bastante natural dada a importância do tema. Mas, acreditamos que discutir a relação entre variedade linguística de outras línguas pode ajudar a colocar em dimensão o fato de que todos os falantes de língua portuguesa são falantes de um dialeto e que decidir a partir de quais critérios os dialetos poderiam ser considerados línguas distintas não é uma tarefa fácil e envolve muitos aspectos sociais e políticos. Esse tipo de reflexão pode contribuir, por exemplo, para um debate mais maduro sobre a relação do português brasileiro com a variedade europeia.

Além da questão do número de línguas, um dado que também merece destaque é o da pequena dimensão da população de falantes dessas línguas. Rodrigues (2005) já salientava que 76% delas possuem menos de mil falantes, o que evidencia a sua grande ameaça de desaparecimento. Esse tema é urgente e também merece ser explorado em diferentes meios de divulgação. Entretanto, vale a pena ressaltar que, mais recentemente, muitas ações de revitalização estão sendo realizadas em diversos contextos no Brasil, sendo o caso do Pataxó o mais emblemático. Para um panorama desses projetos, indicamos o volume organizado por Franchetto (2017).

A diversidade linguística não é caracterizada somente pela apresentação do número de línguas, como se faz usualmente, mas também por meio de sua diferenciação genética. No Brasil, temos dois grandes troncos linguísticos: Tupi e Macro-Jê. Cada um desses troncos se subdivide em diversas famílias que, por sua vez, agrupam diversas línguas. Tupi-guarani, por exemplo, que muitas pessoas pensam ser uma única língua, é, na verdade, uma família de línguas pertencente ao tronco Tupi. Além desses troncos, temos ainda dezenas de famílias linguísticas, como Aruák, Karib, Pano, Tukano, Yanomami etc. Há ainda as línguas isoladas, que não apresentam parentesco com nenhuma outra língua conhecida atualmente. Assim, não é exagero afirmar que as línguas indígenas faladas no Brasil podem ser tão diferentes quanto o português é do chinês ou russo, por exemplo.⁴

Para ilustrar aspectos gramaticais dessa diversidade, selecionamos dados de quatro línguas que tentam abranger ao máximo essa diversidade, sendo duas representando os dois grandes troncos (uma Macro-Jê e uma Tupi), uma representando uma grande família (Karib) e uma língua isolada. De cada uma delas, selecionamos um aspecto de um dos níveis de análise linguística da seguinte forma: aspectos fonológicos em Makuxi (Karib), aspectos morfológicos em

⁴ Um dos melhores materiais que temos para a divulgação desse tema no Brasil é a página do Instituto Socioambiental (ISA): <https://mirim.org/pt-br/linguas-indigenas/troncos-familias>.



Kaingang (Macro-Jê); aspectos sintáticos em Ticuna (isolada); e aspectos semânticos em Karitiana (Tupi).⁵

Do ponto de vista fonológico, seria possível ilustrar características de línguas que têm um inventário de fonemas diferente do nosso (como no caso da vogal central alta [i] presente em muitas línguas indígenas e normalmente grafada com <y> ou <ü>, como é o caso do Ticuna que será ilustrado mais abaixo), ou ainda destacar propriedades suprasegmentais de algumas delas, como a existência de línguas tonais (conforme citado em Othero, 2017). Mas um ponto que gostaríamos de descrever é a relação entre fonologia e ortografia, destacando as dificuldades de se transpor a oralidade para o registro escrito.

Em Makuxi, por exemplo, existe uma regra de sonorização dos fonemas consonantais /p/, /t/, /k/, que ocorrem como [b], [d], [g] quando precedidos de vogais alongadas, vogais nasalizadas ou da consoante glotal (Cunha, 2004; Raposo e Cruz, 2016). Os exemplos abaixo ilustram essa regra fonológica:

Quadro 1: dados do Makuxi

Registro escrito	Transcrição Fonética	Tradução
paapa	[paaba]	papai
pîreetî	[pîreedî]	frieira
pimiika'	[pimiiga']	colocar, juntar com pimenta
manka	[manga]	transportar
Arenta	[arenda]	crescer
Inkamoro	[ingamoro]	eles
u'pu	[u'bu]	meu pé
a'ta	[a'da]	buraco
a'ka	[a'ga]	luz

Fonte: elaboração própria a partir dos dados de Raposo e Cruz (2016)

Esses dados ilustram a diferenciação entre escrita fonética e escrita fonológica. A escrita do Makuxi segue um critério fonológico, uma vez que as consoantes são grafadas com as letras <p>, <t> e <k>, como se observa na coluna esquerda do quadro. Na língua, há uma regra

5 Sabemos que os aspectos semânticos nem sempre são considerados como um nível de análise linguística, mas um critério a serviço dos outros níveis. Entretanto, assumimos que a semântica é um nível de análise independente (Gomes e Sanchez-Mendes, 2018) e queremos valorizar a pesquisa em semântica da língua Karitiana que se destaca em nível nacional e internacional.

fonológica previsível que sonoriza essas consoantes nesses ambientes particulares. Por isso, na coluna do meio, essas consoantes são realizadas como [b], [d] e [g].

A exposição de fenômenos dessa ordem para o grande público é útil para mostrar que nem sempre é fácil consolidar uma ortografia com base em critérios fonológicos. Por isso, esse tema está sempre em disputa.⁶ Os falantes de português brasileiro, por exemplo, muitas vezes reivindicam uma escrita mais aproximada da fala, salientando certas dificuldades por conta da distância entre fala e ortografia (Cagliari, 2009). Entretanto, não faz sentido propormos uma reforma ortográfica que faça, por exemplo, o registro de *az bolas* no lugar de *as bolas* por conta da sonorização que ocorre nesse ambiente. Isso estaria marcando excessivamente a diferença e criando uma distinção com casos como *as casas*, em que não ocorre sonorização.

Além disso, um aspecto extralingüístico estaria em jogo, uma vez que nem todos os falantes pronunciam esse <s> final como [s], mas como [ʃ], que seria sonorizado em [ʒ] nesse ambiente. Assim, não queremos defender que falantes do Rio de Janeiro escrevam de uma forma tão diferente dos falantes de São Paulo, por exemplo. Nesse ponto, podemos perceber como estamos próximos dos Makuxi e seu raciocínio de escrita fonológica. Assim como os Makuxi não precisam sinalizar na escrita as regras de sonorização previsíveis, nós também não.

Do ponto de vista morfológico, poderíamos ilustrar as possibilidades de inúmeras posições de morfemas nas línguas, como fez Othero (2017). Mas, nesse ponto, queremos trazer também um diálogo entre morfologia, sintaxe e semântica a partir dos dados do Kaingang (Macro-Jê) presentes na tese de Nascimento (2017), uma doutora indígena pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No exemplo em (1) e (2), vemos que os verbos em Kaingang podem assumir formas reduplicadas. *rẽnrẽn* em (1b) é a forma reduplicada de *rẽn* em (1a) e *sĩnsĩn* em (2b) é a forma reduplicada de *sĩn* em (2a).

- | | | | | | |
|-----|----|----------------------------|-----|-----------------|-----------------|
| (1) | a. | Kakanẽ | tög | rẽn | hori. |
| | | fruta | NUC | amadurecer.SG | já ⁷ |
| | | 'A fruta já amadureceu' | | | |
| | b. | Kakanẽ | tög | rẽnrẽn . | |
| | | fruta | NUC | amadurecer.RED | |
| | | 'A frutas já amadureceram' | | | |

⁶ Para conhecer exemplos de disputas sobre acordos ortográficos de línguas indígenas, ver Franchetto (2008).

⁷ Abreviações: NUC = núcleo oracional; SG = singular; RED = reduplicação; F = feminino.



- (2) a. Mýrinh fi t̄y Karenh s̄in.
Maria F NUC Karenh beijar
'Maria beijou Karenh'
b. Mýrinh fi t̄y Karenh s̄ins̄in.
Maria F NUC Karenh beijar. RED
'Maria beijou Karenh várias vezes'

(Nascimento, 2017: 46)

Nos exemplos acima, as traduções nos dão pistas da semântica associada a essa reduplicação morfológica. No par (1), a forma não reduplicada está associada à tradução 'amadureceu' enquanto a forma reduplicada está associada à forma 'amadureceram'. Em português, diríamos que se trata, então, de uma forma de marcar o número plural no verbo, que é uma marca de concordância com o sujeito. Curiosamente, ao contrário do português que expressa o plural em *as frutas*, em Kaingang, o sujeito do verbo marcado para plural, ou seja, a forma reduplicada, tem a mesma forma do sujeito na sentença singular (1a). Isso parece indicar que apenas o verbo marca plural nessa língua (como é, aliás, usual em outras línguas indígenas).⁸ Os dados em (2) reforçam essa hipótese, pois têm nomes próprios como argumentos, ou seja, singulares. A reduplicação em (2b), nesse caso, marca não um plural de concordância com o sujeito, mas uma pluralidade de eventos de beijar.

Assim, os dados do Kaingang mostram uma particularidade morfológica de algumas línguas indígenas, a de apresentar morfemas reduplicativos. Em português, podemos repetir o verbo completo para expressar um efeito de intensidade, como em *andei, andei, andei*. Mas, na nossa língua, essa repetição não tem estatuto morfológico como nas línguas indígenas citadas. Outra comparação interessante acerca dessa morfologia de plural é sua natureza morfossintática diversa nas duas línguas. Em português, a marca de pessoa e número no verbo indica concordância, ou seja, ela não tem impacto para a semântica verbal, ao contrário do morfema de modo e tempo. Em Kaingang, por sua vez, o plural tem impacto direto na semântica verbal, indicando uma pluralidade de eventos. Nesse sentido, não diríamos que, em Kaingang, a reduplicação tem estatuto de concordância.

⁸ Ver, por exemplo, Müller e Sanchez-Mendes (2007) sobre o Karitiana (Tupi); Lima (2007) sobre o Yudja (Tupi); Antono et al. (2023) sobre o Makuxi (Karib).



Do ponto de vista sintático, Othero (2017) destacou as possibilidades de ordem dos constituintes nas sentenças mostrando línguas com ordens diversas e distintas da encontrada canonicamente em português. Neste texto, ilustramos uma outra propriedade ligada à ordem de palavras que é a ocorrência de posposições. Para isso, citaremos dados do Ticuna (isolada) presentes em Carvalho Neto (Atchigüü) (2019), falante da língua e mestre em linguística pelo Museu Nacional/ UFRJ.

Em (3a), a seguir, vemos que o sintagma que é traduzido em português por *na sorva*, em Ticuna, apresenta a glosa ‘sorva-LOC’, indicando que, nessa língua, a marca de locativo é posposicional, ou seja, em Ticuna se diz algo como “*sorva em*”. Em (3b), vemos o mesmo fenômeno com os sintagmas em Ticuna *petchinü-wa* glosado como ‘beira-LOC’ e *ngateü-wa* glosado como ‘barranco-LOC’.

(3)	a.	Ga	nucüma-cü	nge'tchi-wa	tcha-puracü
		PART(PASS)	antigamente-NMLZR	sorva-LOC	1P-trabalhar
‘Antigamente eu trabalhava na sorva’					
	b.	Petchinü-wa	ga	rü	ngateü-wa
		beira-LOC	PART(PASS)	TOP	barranco-LOC
‘na beira do barranco’					

(Carvalho Neto (Atchigüü), 2019: 26-27, exemplo adaptado)⁹

Os dados do Ticuna nos ajudam a refletir sobre a relação sintagmática entre palavras lexicais e funcionais. Nas aulas de português, é comum os alunos terem dificuldade de analisar sintagmas preposicionados por conta da natureza gramatical desses constituintes. É frequente, por exemplo, os alunos analisarem o verbo transitivo indireto da sentença (4) como *gostar de* e seu complemento como *chocolate*, indicando que a preposição faria parte do verbo e não do sintagma complemento. Mas, sabemos que, embora a preposição, nesse caso, seja sim exigida pelo verbo, ela constitui um sintagma junto com o complemento [de chocolate]. Tanto é assim que, em línguas pospcionais, esperaríamos encontrar algo como [chocolate de]. Entendemos

⁹ Por questões de simplificação, retiramos a transcrição fonética do dado e mantivemos apenas a transcrição ortográfica. Abreviações: PART = partícula; PASS = passado; NMLZR = nominalizador; LOC = locativo; 1P = primeira pessoa; TOP = marca de tópico.



que a consciência sintagmática é um fator crucial para o desenvolvimento pleno da consciência metalinguística, uma vez que promove o domínio da estruturação de uma língua.

- (4) João gosta [de chocolate].

Por fim, trazemos como ilustração uma propriedade semântica a partir da língua Karitiana (Tupi), que teve mais estudos nessa perspectiva linguística até hoje. A semântica não é uma área de descrição tão disseminada quanto a fonologia, a morfologia e a sintaxe. Por isso, inclusive, nem está representada no texto de Othero (2017). Então, gostaríamos de destacar esse ponto neste texto.

Karitiana é uma língua representativa no que diz respeito à ocorrência de sintagmas nominais sem material funcional na posição de argumentos. Essa língua, assim como outras línguas indígenas faladas no Brasil, não possui artigos ou quantificadores na posição de determinante. Além disso, os nomes não apresentam morfologia de qualquer tipo, tais como gênero, número ou caso. Assim, a sentença abaixo pode ser traduzida por todas as opções nominais apresentadas abaixo, já que ela literalmente só diz algo como “Homem comeu cobra”.

- (5) Taso naka-'y-t boroja
homem DECL-comer-NFUT cobra¹⁰
'O(s)/um(s)/algum(s) homem(s) comeu/comeram a(s)/uma(s)/alguma(s) cobras'
(Müller, Storto, Coutinho-Silva, 2006, 189)

A grande discussão teórica que línguas como essa suscitam é de que forma essas línguas expressam alguns tipos de raciocínios que assumimos como universais, tais como os envolvidos na quantificação universal. Numa abordagem semântica que é herdeira epistemológica da filosofia lógica, espera-se que todas as línguas sejam capazes de expressar um silogismo como o apresentado em (6).

- (6) a. Todo homem é mortal.
b. Sócrates é homem.
c. Sócrates é mortal.

¹⁰ Abreviações: DECL = modo declarativo; NFUT = não futuro.



No silogismo acima, temos uma conclusão válida em (6c) derivada das premissas verdadeiras em (6a) e (6b). A questão que se coloca, então, é se línguas que não possuem palavras para um quantificador nominal universal tal como *todo* poderiam ser capazes de expressar esse tipo de quantificação. Ou, dito de outra forma, quão universal seria esse tipo de raciocínio lógico? Por mais que possa parecer atraente a ideia de termos encontrado uma língua tão diferente de tudo que já vimos e postular imediatamente novas perspectivas¹¹, na realidade, é possível abordar esse desafio sob outro ângulo: assumindo que esse tipo de raciocínio é universal, qual seria a forma de expressão de quantificação universal numa língua sem quantificadores na posição de determinante? Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006) mostraram que, em Karitiana, a quantificação universal é expressa por uma oração subordinada, conforme ilustrado em (7). O sintagma que constitui o objeto do verbo ‘atirar’ não possui um determinante como *todo*, mas expressa a noção semântica de universalidade a partir de uma oração relativa que literalmente denota algo como ‘queixadas que são/estão/existem’, ou seja, todas as queixadas.

(7)	Sojxaaty	aka-tyym	na-pon-pon-Ø	João.
	queixada	ser-SUB	DECL-atirar-RED-NFUT	João ¹²
'João atirou em todos as queixadas' (lit: 'João atirou nas queixadas que são/estão')				
(Müller, Storto, Coutinho-Silva, 2006, 194)				

Dessa forma, vemos que a língua Karitiana, embora não tenha uma palavra quantificadora na posição de determinante, tem uma estrutura gramatical para expressar o mesmo significado lógico. Isso levou Sanchez-Mendes (2006) a classificar o Karitiana como uma língua que não possui quantificação de determinante, chamada de quantificação-D na literatura (Partee; Bach; Kratzer, 1987), mas apenas quantificação de adverbial, chamada de quantificação-A.

Um dos benefícios possíveis de se apresentar dados como os do Karitiana para falantes de outras línguas, como o português, é mostrar que as línguas podem possuir mecanismos gramaticais diferentes para expressar conteúdos lógicos idênticos ou muito similares. No caso da

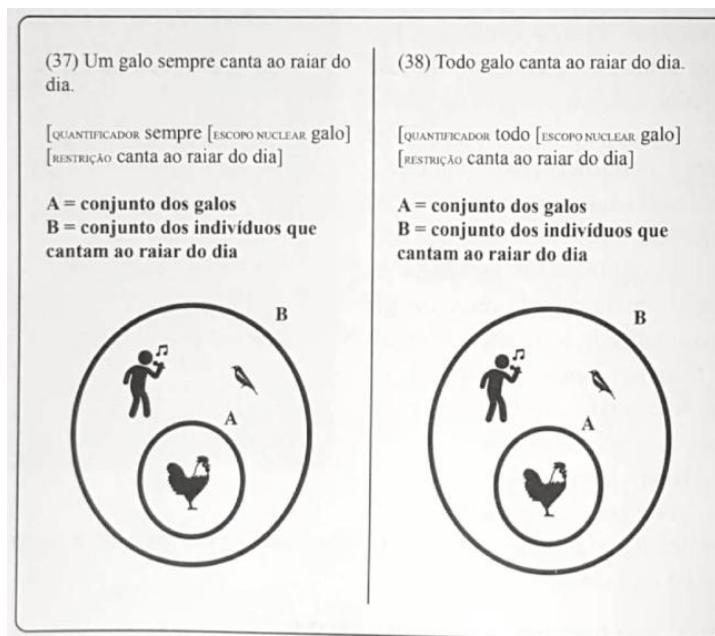
¹¹ Ver, por exemplo, a discussão sobre a controvérsia a partir das publicações de Daniel Everett.

¹² Abreviações: SUB = subordinador; DECL = modo declarativo; RED = reduplicação; NFUT = não futuro.



quantificação, em específico, por exemplo, esse tipo de dado pode ajudar na percepção de que, em português, os quantificadores que aparecem na posição de determinante podem, em alguns casos, serem substituídos por advérbios quantificadores, como se pode ver na ilustração abaixo que associa a semântica de uma sentença com o advérbio *sempre* e o quantificador *todo*.

Fig. 1: Quantificação universal por advérbios e quantificadores nominais



Fonte: Gomes e Sanchez-Mendes, 2018, p. 184

Feito esse panorama de propriedades linguísticas das línguas indígenas que podem ser úteis para discutir fenômenos gramaticais do português, juntando ao debate sobre a divulgação científica da linguística feito anteriormente, trataremos, na próxima seção, do desenvolvimento de consciência metalingüística a partir dessas discussões.

4 Consciência metalingüística em foco

Nesta seção, procuramos destacar as vantagens da apresentação de um método que promova o raciocínio metalingüístico. A defesa de que a divulgação científica dos aspectos gramaticais das línguas indígenas pode ser útil para o desenvolvimento de consciência metalingüística de falantes do português brasileiro é uma preocupação legítima se sustenta em



argumentos que podem ser desdobrados em dois níveis:: (i) escolar; e (ii) da alfabetização científica.

Com relação ao primeiro nível, sabemos que, tradicionalmente, os alunos veem as aulas de língua como meras reproduutoras de instruções de bom uso e correção. Isso cria nos falantes uma postura descrita na literatura como insegurança linguística (Labov, 1966), além de paralisar os falantes em suas atividades cotidianas e profissionais que envolvem escrita. Nesse sentido, assumimos que falantes com consciência metalinguística apurada apresentam maior domínio da escrita, porque passam por uma fase de reflexão sistematicamente controlada a partir da manipulação de dados. Um exemplo de uma proposta nesse sentido é o método discutido por Franchi (1987), que alia experimentação linguística em atividades epilingüísticas, com reflexão semântica e sistematização metalinguística. A ideia de Franchi é a de que as aulas de gramática devem envolver um raciocínio que está além do conhecimento técnico instrumental, mas que está a serviço das necessidades criativas do falante.

Essa proposta clássica de Franchi está em consonância com o que defendem alguns estudiosos, como Pires de Oliveira e Quarezemin (2016), Tescari Neto (2017), Hochsprung (2022), Othero e Folharini (2024), que, acerca do ensino de gramática em contexto escolar, assumem que o conhecimento sobre a teoria gramatical é fundamental para o domínio metalinguístico da língua. Nesse ponto, é preciso deixar claro que há uma distinção entre metalinguagem e nomenclatura, não somente em termos conceituais, mas também em termos de práticas de ensino distintas.

A nomenclatura está inclusa na metalinguagem, o que as torna processos aproximados, mas que não devem ser confundidos. Um estudo que tenha a nomenclatura como enfoque procura potencializar maneiras para classificação com base na memorização de “rótulos gramaticais”. A reflexão metalinguística, por sua vez, vai além da mera rotulação porque, de forma mais ampla, envolve reconhecer padrões sistemáticos dos fenômenos linguísticos. Por conta disso, para o raciocínio metalinguístico, são exigidas também outras habilidades cognitivas, como: segmentação, organização e reorganização paradigmática, reprodução e transformação de aspectos gramaticais.

Entendemos que a reflexão metalinguística como um resultado de atividades epilingüísticas de manipulação contribui para além dos aspectos gramaticais mais tradicionais que estão presentes nos níveis de análise do chamado núcleo duro da gramática (níveis fonológico, morfológico e sintático). Argumentamos que o desenvolvimento dessas diferentes



habilidades cognitivas leva a um domínio linguístico que tem sido chamado de metacognitivo (Maia, 2019; Pilati, 2024). Entendemos esse domínio como aliado de uma reflexão semântica nos termos de Sanchez-Mendes (2024) que é mobilizado na interpretação e produção de discursos.

Embora os papéis da divulgação científica da linguística e do ensino de gramática sejam distintos, assumimos que é possível fazer algumas aproximações significativas entre eles. Primeiramente, por exemplo, recuperamos Lynne Murphy (2023), que aponta a contribuição para o ensino como um dos objetivos possíveis da divulgação. Uma vez focada na consciência metalingüística e não na nomenclatura, a divulgação científica de estudos gramaticais pode fortalecer o domínio linguístico em contexto escolar.

Mas argumentamos que a divulgação linguística não seria proveitosa somente para o tratamento das aulas de língua portuguesa no contexto escolar, mas pode ser útil para promover o próprio letramento científico. Pires de Oliveira e Quarezemin (2016) propõem atividades que introduzam o fazer científico, isto é, um trabalho analítico que perpassasse pela observação de dados, elaboração de hipóteses, realização de testes e análise de fenômenos para chegar a conclusões sofisticadas acerca dos estudos gramaticais. Baseadas em Honda et al. (2010), as autoras defendem que o trabalho com gramática é vantajoso para mostrar aos alunos como boa parte das ciências opera, uma vez que a análise linguística pode ser feita a partir de intuição e reflexão do próprio alunado. O raciocínio metalingüístico, nesse sentido, é aguçado na prática científica.

Ampliando essa perspectiva para além do contexto educacional e alocando-a junto à divulgação científica, podemos pensar em nosso segundo desdobramento, que é o processo de alfabetização científica, isto é, partir de habilidades e conhecimentos basilares sobre ciência, desenvolver nas pessoas “a capacidade de organizar seu pensamento de maneira lógica e auxiliar na construção de uma consciência mais crítica do mundo” (Pires Martins, 2018: 31). A alfabetização científica pode, portanto, também ser um objetivo da divulgação científica em si. Defendemos que, essa prática, quando realizada dentro da ciência da linguagem, contribui significativamente para a consciência metalingüística das pessoas (mesmo aquelas que já não estão mais nas cadeiras das salas de aula).

A título de exemplo, em 2023, no XXV Instituto Abralin, evento que antecedeu o XIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, um dos cursos oferecidos se dedicou a mostrar como a observação e análise de dados gramaticais poderia ser realizada com



pessoas que não são necessariamente linguistas. Na ocasião, os professores Richard Larson e Maya Honda apresentaram, entre outros exercícios, uma atividade elaborada pela linguista Filomena Sândalo (IEL-Unicamp) que tem como foco os dados do Kadiwéu (Guaikurú). Nesse exercício, os sufixos pluralizadores [-dí] e [-tedí] do Kadiwéu são apresentados por meio de listas de dados. A ideia é que os participantes observem esses dados e elaborem hipóteses que expliquem o fenômeno da pluralização nessa língua, que tem base morfológica. Também é solicitado que as pessoas pensem em potenciais contraexemplos. Toda essa análise exige reflexões metalingüísticas e certa familiaridade com a metodologia científica. Acreditamos que esse é um exemplo de ação que pode popularizar, além da linguística, o fazer científico.

Inspirados no exercício de Sândalo (2023) e baseados nos dados de Sanchez-Mendes (2017), propomos uma atividade cujo foco são aspectos semânticos a partir de dados do Karitiana, a fim de aguçar reflexões metalingüísticas.

Exercício – verbos em Karitiana

O Karitiana é uma língua indígena do tronco Tupi, família Arikém, falada no Brasil. A reserva dos Karitiana está localizada na Amazônia ocidental.

Algumas características desta língua chamam a atenção de muitos linguistas. Entre eles, as linguistas Ana Müller, professora da Universidade de São Paulo (USP), e Luciana Sanchez-Mendes, professora da Universidade Federal Fluminense (UFF). Em uma de suas análises, as professoras estudaram o comportamento dos verbos na gramática do Karitiana.

Antes de contar algumas descobertas, será que você consegue chegar a algumas conclusões? Vamos lá! Abaixo, temos duas frases em Karitiana traduzidas para o Português Brasileiro.

Karitiana	Português Brasileiro
João ipykynat.	João correu .
João ipykynatpykenat.	João correu mais de uma vez.
João iosedn.	João se alegrou .
João iosednosedn.	João se alegrou mais de uma vez.



Fonte: Dados de Müller e Sanchez-Mendes (2021)

Como você deve ter percebido, a estrutura das frases nas duas línguas é diferente. Então, para facilitar, já deixamos o verbo grifado.

- A) Com base nesses primeiros dados, qual é a sua hipótese sobre o comportamento dos verbos em Karitiana?

Resposta esperada: aqui, não podemos exigir que a pessoa que está respondendo tenha noção de nomenclatura, como, por exemplo, ‘eventos’. Então, espera-se que responda coisas como: “o verbo é diferente quando a ação acontece mais de uma vez e temos certeza disso”. Outras respostas podem surgir e devem ser avaliadas conforme a leitura em Sanchez-Mendes (2017), que deve ser feita integralmente pela pessoa que aplicar o exercício.

Observe, agora, a seguinte sentença, parte do corpus de Luciana Sanchez Mendes (2017):

#Inacio namangatmangadn myhint Nadia ka’it.

Essa frase tem o intuito de significar “Inacio levantou a Nadia uma vez hoje”. O verbo está grifado, *myhint* quer dizer ‘uma vez’ e *ka’it* quer dizer ‘hoje’. Mas o símbolo # na frente da frase indica que ela não é uma frase boa para a gramática do Karitiana, ou seja, os falantes não a falariam e, se alguém a falasse, muito provavelmente as pessoas achariam estranho.

- B) Por que você acha que isso acontece? Dê um palpite de como a frase deveria ser escrita para ser bem interpretada.

Resposta esperada: aqui, a expectativa é que a pessoa diga algo como “porque ele levantou apenas uma vez. Se tivesse levantado duas ou mais, o verbo poderia estar da forma que está.” Então, o palpite poderia seguir algo como “Inacio mangat myhint Nadia ka’it”, mas para isso eles devem raciocinar que se trata de uma duplicação. Caso não cheguem a essa conclusão sozinhos, a pessoa que está aplicando este exercício pode guiar para essa observação.

Levando isso em conta, observe agora algumas frases do Português Brasileiro:

Carla pintou o mesmo desenho duas vezes.
As meninas pintaram a casa em um dia.
João caiu de bicicleta ontem.
Pedro e Paulo caíram enquanto estavam correndo.

Os verbos, no Português Brasileiro, também mudam, certo? As formas para o singular e plural

não são marcadas da mesma forma. Fazendo uma comparação com o Karitiana, responda:

- C) Em relação a número, os verbos do português brasileiro e do Karitiana se comportam da mesma forma?

Resposta esperada: aqui, o que se espera é que entendam que os verbos no PB flexionam de acordo com o número de participantes na ação e, em Karitiana, a mudança ocorre de acordo com o número de vezes (eventos) que a ação é executada.

É importante mencionar que o exercício apresentado acima deve ser adaptado de acordo com o contexto em que for utilizado. Compreendemos, por exemplo, que o que foi apresentado é mais adequado ao espaço escolar. Pensando na popularização da linguística em um âmbito extraescolar, como a postagem em uma rede social, é preciso que haja adaptações.

Levando isso em consideração, apresentamos a seguir um roteiro de postagem para o feed do *Instagram*, pensando em um carrossel de dez fotos, em que cada uma das fotos tem o texto correspondente do quadro a seguir. A temática é a mesma da do exercício proposto anteriormente, mas, pelo fato de a natureza de canal ser outra, algumas adaptações são necessárias.

1	[Capa] Título: Nem toda língua é igual...
2	Sabe quando a gente vai na casa de um amigo e percebe diferenças e semelhanças com a nossa própria casa? A distribuição de tapetes, a decoração, os azulejos, enfim... algumas coisas são bem distantes e outras bem próximas. Nas línguas naturais, a gente também pode observar diferenças e semelhanças. Hoje, vamos falar sobre os verbos no Karitiana . [Inserir imagens de casas diferentes]
3	O Karitiana é uma língua indígena do tronco Tupi, família Arikém , falada no Brasil. A reserva dos Karitiana está localizada na Amazônia ocidental. Essa é uma das poucas populações que têm crescido em número de pessoas e de aldeamentos. [Inserir alguma imagem – autorizada – do povo Karitiana]
4	Algumas características desta língua chamam a atenção de muitos linguistas. Entre eles, as linguistas Ana Müller , professora da Universidade de São Paulo (USP), e Luciana Sanchez-Mendes , professora da Universidade Federal Fluminense (UFF). Em uma de suas análises, as professoras estudaram o comportamento dos verbos na gramática do Karitiana. [Inserir imagens – autorizadas – das professoras]
5	Veja alguns dados:



	<p>João ipykynat. (João correu.)</p> <p>João ipykynatpykenat. (João correu mais de uma vez.)</p> <p>João iosedn. (João se alegrou.)</p> <p>João iosednosedn. (João se alegrou mais de uma vez.)</p>
6	Reparou que o verbo é diferente quando a ação acontece mais de uma vez ? Pois é, se não reparou, volte na imagem anterior e compare! Parece que ocorre uma “ duplicação ” dos verbos em Karitiana, né? Isso não acontece no português brasileiro.
7	Aqui, os verbos até mudam entre singular e plural , mas a motivação pra isso não está no número de vezes que a ação ocorre, mas, sim, em quantos participantes estão envolvidos na ação. João correu . João e Pedro correram .
8	As pesquisadoras observaram essas diferenças depois de muita pesquisa de campo, coleta de dados e análises linguísticas . Se você quiser dar uma de linguista, também, se liga na próxima imagem >>>
9	<p>#Inacio namangatmangadn myhint Nadia ka'it</p> Essa frase tem a intenção de significar “ Inacio levantou a Nadia uma vez hoje ”. O verbo está destacado, mas o símbolo # na frente da frase indica que ela não é uma frase boa para a gramática do Karitiana, ou seja, os falantes não a falariam e, se alguém a falasse, muito provavelmente as pessoas achariam estranho. Por que você acha que isso acontece? Nos comentários, dê um palpite de como a frase deveria ser escrita para ser bem interpretada.
10	Para saber mais: [Imagens dos artigos de referência]

Se compararmos o exercício com o roteiro, perceberemos algumas diferenças. Em primeiro lugar, o exercício apresenta uma dinâmica de perguntas e respostas que ajudam na condução para a construção de conhecimento conforme se responde as perguntas. Já na postagem, há apenas um desafio para responder, na imagem 9. O objetivo, nesse contexto,



além da construção de conhecimento e análise linguística, é o engajamento com o conteúdo de divulgação científica.

Quando pensamos em uma publicação no Instagram, as escolhas devem ser justificadas também como estratégias de comunicação. Tomando como base os autores apresentados na seção 3 deste artigo, podemos pensar, a partir de Bueno (2010), que o Instagram é uma natureza, no sentido de ‘canal de comunicação, que atinge um público amplo a partir de uma linguagem adequada a este canal. Além disso, Treulieb (2020) determina que uma das vantagens da rede social é a interação científica.

É possível perceber, no roteiro, o uso de uma linguagem direta, simples e direcionada ao público, visando chamar a atenção do leitor para a postagem. Desde a imagem 1, com o título “Nem todas as línguas são iguais...”, já pretendemos aguçar a curiosidade do leitor. É provável que a pessoa que esteja lendo saiba disso, mas não sabe de que línguas estamos falando e nem de quais características vamos falar. Isso pode fazê-la arrastar para a segunda imagem.

Nessa imagem 2, colocamos uma situação cotidiana, para fazer com que a pessoa comece a se identificar com o conteúdo que ela está lendo. Essa familiarização segue nas imagens 3 e 4, que servem de contextualização para o conteúdo que será apresentado. Em 3, apresentamos a língua que vamos estudar e, em 4, as pessoas que baseiam nossa postagem. É quase como a ordem de um artigo científico: introdução, fundamentação teórica, e assim por diante. A diferença está, entre muitas outras coisas, na linguagem. Perceba como citamos nominalmente as professoras Ana Müller e Luciana Sanchez-Mendes. É bastante diferente do que estamos acostumados a ver em artigos.

Temos de pensar que, muitas vezes, o público da divulgação científica não está familiarizado com a linguagem acadêmica e pode não identificar que a estrutura “Sobrenome (Ano de publicação)” significa referência a alguém que estudou o tema e sua respectiva publicação. Isso pode distanciar o público. Além disso, na maneira como estruturamos na imagem 4, contribuímos para a humanização das cientistas, informando local de trabalho e como a curiosidade delas levou a algumas descobertas. Isso também é enfatizado na imagem 8.

Os dados são apresentados e discutidos nas imagens 5, 6 e 7. É fundamental que uma postagem de divulgação científica de estudos gramaticais tenha dados das línguas apresentadas, porque assim o leitor pode visualizar o conteúdo de forma dinâmica. É importante notar, também, que, nessas imagens, os dados não são apresentados da mesma forma que fazemos em artigos científicos. Basta fazer a comparação com a seção 3, em que apresentamos



dados de algumas línguas indígenas acompanhados de glosas e informações que cabem nesta publicação, mas não em uma postagem de Instagram.

Além disso, é neste trecho (e pensando na parte de comparação linguística vista no exercício anteriormente apresentado) que destacamos a proposta que defendemos neste texto: o desenvolvimento de consciência metalingüística de falantes do PB a partir de línguas indígenas. Sem nos rendermos aos moldes tradicionalistas de abordagem gramatical – na escola e na internet – oferecemos, afinal, informações sobre concordância verbal. Essas informações foram atribuídas de forma dinâmica, comparativa e cientificamente embasada. Para além do conhecimento presente, podemos aguçar também a curiosidade de quem consome o conteúdo e/ou responde ao exercício, que pode querer dar continuidade a uma pesquisa sobre temas relacionados.

Seguindo a mesma “fuga da ABNT” que fizemos ao citar as autoras, também é preferível que a façamos ao apresentar as referências – como na imagem 10. Imagens das publicações podem ser mais dinâmicas do que estruturar como pedem as normas. Uma alternativa também seria: “Título do artigo – escrito por cientista 1 e cientista 2 (ano)”.

Essas estratégias devem vir acompanhadas de um design atrativo e chamativo, bem como uma legenda que proponha um bom diálogo entre quem está divulgando e quem está consumindo o conteúdo postado. É importantíssimo pensar, também, em maneiras de tornar o conteúdo acessível para pessoas com deficiência visual. O Instagram possui ferramentas avançadas de texto alternativo para descrever cada uma das imagens.

Faremos uma reflexão final sobre esta e outras questões na seção de encerramento a seguir.

Considerações finais

Neste artigo, defendemos a potencial contribuição da apresentação de dados de línguas indígenas para fomentar uma reflexão linguística não enviesada por parte dos falantes de português. Essa consciência, se bem desenvolvida, contribui, a nosso ver, para o exame da nossa a própria língua materna como um objeto de análise legítimo. Nesse sentido, propusemos, neste texto, uma agenda de trabalhos e uma convocação para futuras ações que visem à popularização dos estudos gramaticais por meio das línguas indígenas.



Em resumo, fundamentamos nossa reflexão na discussão sobre a divulgação científica da Linguística no cenário brasileiro e na seleção de dados de quatro línguas indígenas de famílias distintas (Makuxi, Karib; Kaingang, Macro-Jê; Ticuna, isolada; e Karitiana, Tupi). Nossa proposta, ao unir essas duas frentes, é justamente pensar que o desenvolvimento da consciência metalingüística deve fazer parte dos principais objetivos de divulgar a ciência da linguagem.

Elaboramos, então, duas formas para apresentar essa divulgação: um exercício de construção de conhecimento e uma postagem em rede social. Essas estratégias devem, evidentemente, ser adaptadas de acordo com o contexto em que poderão ser realizadas. Não oferecemos aqui um protocolo que funcionará em todos os ambientes possíveis. Essa talvez seja uma das dificuldades da divulgação científica, uma atividade que exige planejamento, organização, estudo, sensibilidade e tempo. Ademais, estamos conscientes de que temos ainda muitos outros desafios a enfrentar, como a ausência de políticas voltadas à popularização dentro do nosso campo, a discussão ainda breve por parte dos estudiosos quando se trata do assunto e a ainda tímida tentativa de formação de divulgadores.

Entretanto, entendemos também que essa publicação pode ser também um catalisador para captação de novas ideias para que pensemos em estratégias de elaborar uma agenda de trabalho pensando na divulgação dos estudos gramaticais apesar dos desafios. Pensando na formação de divulgadores, um dos caminhos pode consistir na criação de projetos de pesquisa/extensão que destinem vagas a estudantes que fiquem responsáveis pelo setor de divulgação e popularização. Assim, essas pessoas planejariam e organizariam maneiras de divulgar o que o grupo estuda para uma comunidade mais ampla, estudando e elaborando materiais de divulgação científica.

Além disso, outra estratégia, já adotada por alguns professores universitários, a exemplo de Luana de Conto (UFPR), Helena Guerra Vicente (UnB), Márcio Martins Leitão (UFPB), Luciana Sanchez Mendes (UFF) e Cristiane Lazzarotto-Volcão (UFSC), seria inserir nas disciplinas atividades e trabalhos que visem à elaboração de materiais de divulgação e popularização da Linguística.¹³ Iniciativas pessoais também são bem-vindas, desde que feitas de maneira responsável, compreendendo que a divulgação científica é, além de uma atividade prática, uma área do conhecimento.

¹³ Esses são apenas alguns dos nomes de que temos notícia. Temos certeza de que há outros professores dos cursos de Letras que possam ter a mesma estratégia.



Com o que foi apresentado neste artigo, acreditamos que não é nada trivial inserir, entre os objetivos da divulgação e popularização da nossa área, o desenvolvimento de consciência metalinguística dos falantes. Entretanto, defendemos que uma forma de se fazer isso é apresentar dados gramaticais de línguas que não sejam o português brasileiro. As línguas indígenas, como vimos, são grandes aliadas para isso.

Esperamos que esta publicação possa dar um início nessa agenda de pesquisa e divulgação.

CRediT

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise, Investigação, Metodologia, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: HOCHSPRUNG, Vitor.

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise, Investigação, Metodologia, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: SANCHEZ-MENDES, Luciana.

Referências

- ANTONO, G., MAKUSI, F. F. M.; COSTA, I.C.; LIMA, S. Pluractionality of events in Macuxi: a morpho-syntactic and semantic analysis. *Languages*, v. 8, n. 4, 225, p. 1-16, 2023.
- BARONAS, R. L. Da necessidade premente de se cometer uma política de divulgação científica qualificada dos trabalhos da lingüística do Brasil. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 29, 2010.
- BAUMGARTEN, M. Divulgação e Comunicação pública de Ciência e Tecnologia. IV Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade. In: *Anais do IV Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade*, Curitiba, 2011, p. 1 – 9.
- BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. *Informação & Informação*, v. 15, n. 1 (esp), p. 1-12, 2010.
- CAGLIARI, L.C. Aspectos Teóricos da Ortografia. In: SILVA, M. (org.) *Orthografia da Língua Portuguesa: história, discurso, representações*. São Paulo: Contexto, 2009.
- CARVALHO NETO (ATCHIGÜCÜ), D. *Formas linguísticas em Ticuna de apontar e conhecer: narrativas e prática escolar*. Dissertação de Mestrado em Linguística e Línguas Indígenas, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.



CRISTOVÃO, V. L. L.; FERREIRA, L.; CARDOSO, I.; PEREIRA, L.; AMBRÓSIO, S. Uma cartografia da divulgação científica em ciências da linguagem no Brasil e em Portugal. *DIACRÍTICA*, Vol. 37, n.º 1, 2023, p. 284–309. DOI: doi.org/10.21814/diacritica.5400

CUNHA, C. M. *Um estudo de fonologia da língua Makuxi (Karib): Interrelações das teorias fonológicas*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

D'ALMEIDA, D. H. S; HOCHSPRUNG, V.; GUESSER, S.; QUAREZEMIN, S. O redobro pronominal no final de sentenças na fala manauara: estratégias de divulgação científica e popularização da linguística. In: OLIVEIRA, L. C. et al (org.). *Letras Pós-Humanas: Linguística e Ensino de Línguas como Questão*. Campinas: Pontes Editores, 2024.

DE CONTO, L.; SANCHEZ-MENDES, L.; RIGATTI, P. C. Quando o falante faz Linguística. *Cadernos de Linguística*, v. 3, n. 2, p. e653-e653, 2022.

DURANT, J. O que é Alfabetização Científica? In MASSARANI, L.; TURNÉY, J.; MOREIRA, I. de C. (Org.) *Terra incógnita: a interface entre ciência e público*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, UFRJ, Casa da Ciência, Fiocruz, 2005.

FARACO, C. A. Carlos Alberto Faraco. In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (Orgs.) *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola, 2023.

FRANCHETTO, B. A guerra dos alfabetos: os povos indígenas na fronteira entre o oral e o escrito. *MANA*, v. 14, n. 1, p. 31-59, 2008.

FRANCHETTO, B. (ed.) *Revista LinguiStica*, n. 13, v. 1, 2017.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n. 9, p. 5-45, 1987.

FRANCHI, C. A. Criatividade e gramática. In: FRANCHI, C. A.; NEGRÃO, E.; MULLER, A. L. *Mas o que é mesmo “gramática”?* São Paulo: Parábola, 2006. p. 34-101.

GAWNE, L.; MCCULLOCH, G. Communicating about linguistics using lingcomm-driven evidence: Lingthusiasm podcast as a case study. *Language and Linguistics Compass*, v. 17, n. 5, 2023.

GOMES, A.P.; SANCHEZ-MENDES, L. *Para Conhecer Semântica*. São Paulo: Contexto, 2018.

HOCHSPRUNG, V. Divulgação científica: notas sobre a popularização da linguística na internet e na sala de aula. In: SILBALDO, M. *Ensino de línguas: propostas e relatos de experiência*. São Paulo: Bluscher, 2023.

HOCHSPRUNG, V. O ‘big brother brasil’ como ponto de partida para a divulgação científica e a popularização da linguística. *Revista do EDICC-ISSN 2317-3815*, v. 9, 2023.

HOCHSPRUNG, V. *A consciência sintática de professores a respeito do sujeito do português brasileiro*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 2022.



HONDA, M. et al. On promoting linguistics literacy: Bringing language science to the English classroom. In: DENHAM, K; LOBECK, A. (Eds.). *Linguistics at school: language awareness in primary and secondary education*. Cambridge University Press, 2010. p. 175-188.

LABOV, W. The social stratification of English in New York City. Arlington, VA: Center for Applied Linguistics, 1966.

LIMA, S. O. Plurality and distributivity in Juruna: some considerations about verbal cumulativity. In: *4th Conference on the Semantics of Underrepresented Languages in the Americas*, 2007, São Paulo. UMOP 35: Proceedings of the 4th Conference on the Semantics of Underrepresented Languages in the Americas. Amherst: UMOP Publications, 2007.

LYNNE MURPHY, M. Blogging and microblogging linguistics for the lay reader. In: PRINCE, H. MCINTYRE, D. (Eds.) *Communicating Linguistics*. Routledge, 2023. p. 38-48. MAIA, M. (org.). *Psicolinguística e Metacognição na Escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2019.

MARTIN, L. "Eskimo words for snow": A case study in the genesis and decay of an anthropological example. *American Anthropologist* n. 88, v. 2, jun., p. 418-423, 1986.

MOORE, D. Línguas indígenas. In: MELLO, H.; ALTHENHOFEN, C.; RASO T. (orgs.) *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2011. p. 217-239.

MÜLLER, A.; STORTO, L.; COUTINHO-SILVA, T. Número e a Distinção Contável-Massivo em Karitiana. *Revista da Abralin*, v. 5, p. 185-213, 2006.

MÜLLER, A.; SANCHEZ-MENDES, L. Pluractionality in Karitiana. In: GRØNN, A. (ed.) *Proceedings of SuB12*, Oslo, 2007, p. 442-454.

MÜLLER, A.; SANCHEZ-MENDES, L. Pluractionality: the phenomenon, the issues and a case study. In: GUTZMANN, D.; MATTHEWSON, L.; MÉIER, C.; RULLMANM H.; ZIMMERMANN, T. E. (eds.) *The Wiley Blackwell Companion to Semantics*. Oxford: Wiley, 2021.

NASCIMENTO, M. *Evidencialidade em Kaigang: descrição, processamento e aquisição*. Tese de Doutorado, UFRJ. 2017.

OTHERO, G. A. *Mitos de Linguagem*. São Paulo: Editora Parábola, 2017.

OTHERO, G. A.; FOLHARINI, L. Linguística como Ensino de Ciências. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 66, p. 1-12, 2024.

PILATI, E. *Aprendizagem Linguística Ativa: da teoria à gramaticoteca*. Campinas: Pontes Editores, 2024.

PULLUM, G.K. Topic...Comment. *Natural Language and Linguistic Theory* 7, p. 275–281, 1989.

RAPOSO, C.A.; CRUZ, SOUSA, M.O. *Dicionário da Língua Makuxi*. 2. ed. rev. ampl. Boa Vista: Editora da UFRR, 2016. PARTEE, B.; BACH, E.; KRATZER, A. *Quantification: A Cross-Linguistic Perspective*. Amherst: UMass, 1987.



PIRES DE OLIVEIRA, R.; QUAREZEMIN, S. *Gramáticas na escola*. Petrópolis: Vozes, 2016.

PIRES MARTINS, R. *Políticas públicas de popularização da ciência no Brasil: perfil de atividades realizadas de 2003 a 2015 por meio do CNPq e intersecções entre ciência, educação e desenvolvimento territorial sustentável*. Dissertação (Mestrado). Matinhos: UFPR-Litoral, 2018

RODRIGUES, A.D. Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *DELTA*. V.9, n.1, p. 83-103, 1993.

RODRIGUES, A.D. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. *Ciência e Cultura*, v. 57. N. 2, p. 35-38, 2005.

SAMPAIO, T. O. M. Onde estão os Linguistas na Divulgação Científica Brasileira?. *Revista do EDICC-ISSN 2317-3815*, v. 5, 2018.

SAMPAIO, T. A importância da divulgação científica da Linguística e entrevista com o canal Enchendo Linguística. *Revista Linguística Rio*, 3(1), 2017.

SANCHEZ-MENDES, L. Número Verbal. In: MÜLLER, A.; STORTO, L. (Orgs.). *Material de Apoio ao Estudo da Gramática da Língua Karitiana*. São Paulo: Paulistana, 2017. p. 9-18.

SANCHEZ-MENDES, L. Contribuições da Semântica Formal para o ensino de língua materna: o componente semântico como elo entre gramática e texto/discurso. In: FERREIRA, L. F.; FRUTOS, L.; COELHO, O. (orgs.) *Jornada pelos significados: contribuições de Ana Müller para a semântica*. Campinas, Pontes Editores, 2024. p. 145-178.

SANDALO, F. Conjunto de problemas 5: Formação de substantivos plurais em Kadiwéu. In: LARSON, R.; HONDA, M. *Ensino de Língua(s) como ciência da Educação Básica (Curso)*. XXV Instituto da Abralin, Curitiba, 2023.

TECARI NETO, A. Constituência sintática, ambiguidade estrutural e aula de português: o lugar da teoria gramatical no ensino e na formação do professor. *Working papers em Linguística*, v. 18, n. 2, p. 129-152, 2017.

TREULIEB, L. *Menu de ideias: Como fazer divulgação científica nas novas mídias das universidades?* Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação (USCS), 2020.